

ALÉM DAS RUAS: IMAGINAÇÃO E ESPAÇOS DA CIDADE PELO SKATE¹

BEYOND STREETS:
IMAGINATION AND SPACES OF THE CITY BY SKATEBOARDING

Guilherme Michelotto Böes²

RESUMO

As cidades metropolitanas estão inscritas nas novas formas de uso público urbano entre as práticas que desafiam as representações culturais e sociais, configurações dos espaços urbanos representados pela arquitetura das cidades que moldam os espaços. Essas modificações apontam a mudança histórica da representação entre os indivíduos sociais. Devemos identificar os desafios com que as codificações dos espaços culturais da cidade se encontram em suas novas propriedades de direito de uso e manifestação social, já que produzem narrativas que alteram a produção dos espaços na inscrição de identidade social. Práticas cotidianas possibilitam situações, essas com que deparamos na forma de organização social da cidade, tanto formalmente ou informalmente administrada, o local da estrutura dos sistemas de valores na referência ao espaço/tempo de ser utilizado. As ruas imaginadas, apropriadas pelos skatistas, como narrativa da prática cotidiana nos espaços públicos urbanos, que cada vez mais são abandonados em detrimento aos espaços privados. Desse modo, pode o skate trazer a discussão sobre o urbano, apontando que as identidades culturais nos espaços públicos estão longe da percepção ilícita de práticas culturais urbanas. Assim o skate pode então encontrar o diálogo entre a imaginação da experiência urbana contemporânea nas ruas das cidades.

Palavras-chaves: cidade. espaço público. experiência. skate.

ABSTRACT

The metropolitan cities are inscribed in the new forms of urban public use between practices that challenge cultural and social representations, configuration of urban spaces represented on the architecture of the cities that shape the spaces. These to put forward the historical change of representation among social individuals. We must identify the challenges that the encodings of cultural spaces in the city are in their new property use rights and social manifestation, since they produce narratives that alter the production of spaces in the registration of social identity. Daily practices possible situations, those we encounter in the form of social organization of the city, either formally or informally administered, the site of the structure of value systems in reference to the space / time of use. The imagined streets, suitable for skateboarders, as a narrative of everyday practice in urban public spaces, which increasingly are abandoned to the detriment of private spaces. Thus, can the skateboard bring the discussion of the urban, noting that cultural identities in public spaces are far from illicit perception of urban cultural practices. So the skateboard can then find the dialogue between the imagination of contemporary urban experience on city streets.

Keywords: City. Public space. Experience. Skateboard.

¹ O artigo foi apresentado durante o XIRAM (Reunião de Antropologia do Mercosul 2015) no GT 23 (*Imágenes y ciudades: la imagen en la investigación etnográfica en ciudades*), originalmente sob título de "A imagem da cidade pelo skate". Igualmente esse texto sofreu algumas modificações a partir das observações dos participantes desse GT.

² Doutorando em Ciências Sociais PUCRS (bolsa FAPERGS/CAPES), Mestre e Especialista em Ciências Criminais, integrante do GPESC, pesquisador do Instituto de Criminologia e Alteridade (ICA). guilherme.boes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os principais questionamentos que se propõem a desenvolver no presente artigo se iniciam com uma percepção particular sobre a questão da cidade e seus espaços de interação. Essa como posição de quem é residente da região metropolitana em desenvolvimento de Porto Alegre/RS, uma cidade extensa mas considerada pequena: Viamão. Essa cidade ao “lado” da metrópole do Rio Grande do Sul está sofrendo uma grande reconfiguração de sua imagem, com novos empreendimentos urbanos e o crescimento populacional. Pois todos esses eventos fizeram ressurgir a prática do skate em suas principais praças, seguido de um crescente descontentamento por parte da população com esses “jovens” que estão usando os locais públicos para realizarem manobras e deslocamentos pela cidade entre seus locais de moradia e encontro grupal.

O skate tem para mim³ uma importância como *hobby*, como uma forma de substituir minha “diversão” de quando não estou surfando no litoral. Fiquei cada vez mais encantado com o skate e o crescimento de adeptos na cidade. Algo como que “na baixa” do skate não se observava sua prática, mas a partir do crescimento urbano percebe-se que houve um *boom* de praticantes e nessa busca de espaços para sua prática houve cada vez mais relações de conflitos entre skatistas, pedestres e automóveis.

É a partir desse compasso entre as situações de uso da cidade que surgiu algumas possibilidades de compreender essa subcultura e sua relação entre os espaços públicos e a própria identidade urbana na cidade, entre as práticas e desafios dos skatistas. A partir disso, pretendo apresentar a exploração da cidade pelos skatistas como um ato de etnografia dos espaços urbanos, ou melhor, o skate e seu entrelaçamento de seu ato e o espaço urbano.

Essa discussão foi retratada por Barbosa (2010), na defesa de dissertação de mestrado na USP sobre os pixadores na cidade de São Paulo. O pesquisador apontou que a relação entre pixação e a cidade estabelecia um entrelaçamento sobre o ato e o espaço urbano, fazendo que os pixadores revertissem entre si o estigma a eles designados (pobreza, periferia) para uma visão positiva de pertencimento e identidade grupal. No skate a questão não se parece muito diferente, já que o estigma por ser skatista é como “uma marca estruturante do universo social do skate e de seu estilo de vida” (BASTOS, 2006, p.111). Isto faz com que o preconceito sobre a sua cultura seja julgada (estigmatizada) com mais força diante do espaço de pertencimento, ou seja, com relação ao local de residência do skatista. Quanto mais na zona periféricas das cidades, maior a imagem carrega a discriminação (BASTOS, 2006, p. 111-120).

Assim, para que possamos encontrar os caminhos ou *picos*⁴, com os *rolês*⁵ dos skatistas é necessário analisar os aspectos teóricos que orientaram as preocupações de abordagem. Assim, pergunta-se, podemos realizar um estudo das zonas das cidades enquanto seu processo de modificações e as apropriações realizadas pelas diversas subculturas que desenvolve nesses contextos sócio espaciais?

³ Assumo em partes desse texto a primeira pessoa, para que seja exposta como experiência etnográfica do autor.

⁴ Pico: é o local/ponto de encontro;

⁵ Rolê: é o ato de realizar o deslocamento;

2 ESTUDANDO O URBANO.

A Escola de Chicago contribuiu enormemente para que as Ciências Sociais tivessem seu ingresso no estudo do urbanismo. A partir de diversos estudos estimulados pela perspectiva da Escola de Chicago, percebe-se que a mobilidade social e o deslocamento no uso dos espaços públicos atingem a população como um todo, sobretudo durante as alterações urbanas decorrentes do crescimento populacional. A expansão urbana e a modificação dos espaços públicos geram novas formas sociais de relacionamento da cidade e formam novos espaços de sociabilidade; mudam as relações sociais e criam novas barreiras e tensões políticas nas definições desses espaços.

A partir dessa perspectiva, vale enfatizar que a expansão urbana dá novos sentidos para os espaços públicos e influenciam as formas sociais de relacionamento da cidade, bem como os seus movimentos coletivos e culturais que se inscrevem e circulam nas regiões periféricas ou de centros. Por conseguinte, não há como conceber as formas estruturais e culturais urbanas como modelos de desorganização, assim como foi proposto pela Escola de Chicago, já que esse modelo aponta para lugares específicos ignorando as transformações que o urbanismo desenvolve em seu processo de segregação e *gentrification* urbana (HANNERZ, 2015).

Pode se dizer que a necessidade de analisar as transformações com que os espaços públicos se rearticulam nas desigualdades sociais que marcaram a cidade, as mesmas criam “produção de inscrições e o deslocamento do espaço urbano” a partir de intervenções que desafiam as fisionomias sobre os espaços públicos (CALDEIRA, 2012). Pelo encontro das dimensões culturais e físicas da cidade, aponta-se para a compreensão sociológica das diversas formas e atividades individuais e coletivas que se encontra na arquitetura da cidade. Esta “abertura”, aponta as composições sociais e de poder nos espaços públicos que emergem desde sua formação histórica e o desenvolvimento da cidade.

3 CORPO, EXPERIÊNCIA, ESPAÇO: ETNOGRAFIA NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO.

Na experiência do corpo, enquanto *locus* de socialização, que relaciona o espaço e as relações mútuas na cidade, devemos discutir os significativos processos culturais da identificação social em andamento. A antropologia urbana deve ser vista como instrumento para pensar, de maneira geral, de forma crítica, a relação dos usos das cidades e os seus espaços públicos. Ela deve apontar as diversas formas culturais que se relacionam na complexa vida social da cidade em seus espaços de sociabilidade e a construção das formas culturais que multiplicam as culturas (HANNERZ, 2015).

Estaria a multiplicidade cultural promovendo mudanças nos espaços públicos para questionar seu declínio social enquanto espaços privados? A determinação dos espaços urbanos diante das multiplicidades das novas configurações sociais, assume novos significados sobre a vida social urbana?

Para compreender tais questões faz-se necessário analisar o contexto com que as cidades se desenvolvem no mundo capitalista nas últimas décadas. Constantemente modificadas, a cidade não é um elemento delimitado de estudo espacial como *palco* da história, mas o espaço enquanto uma imagem em mudanças de um construtivo momento de sociabilidade nas experiências cotidianas. Entre as mudanças e transferências geográficas que são constantemente modificadas, e sensibilizadas na velocidade cada vez mais acelerada pela contemporaneidade, a composição dos espaços favorece o arranjo sobre as noções tradicionais do significado histórico e diversifica as possibilidades de análises sobre a cidade⁶. Esse impacto sobre a visibilidade altera os atos dos grupos urbanos e revelam seus direitos e liberdades de circulação e inscrição nas cidades.

O comportamento da sociedade na cidade faz com que cada parte de seu território transforme sua forma de relação com a arquitetura presente em nossa vida. A cidade está “intocada” na nossa referência espacial (como território) e de tempo (como arquitetura). Ela também foi uma conquista das pessoas na afirmação de seus direitos sociais, o território sempre moldou o espaço de autoridade e as formas possíveis de envolvimento histórico, o retorno do território:

Mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche. Seu papel ativo faz-nos pensar no início da História, ainda que nada seja como antes. Daí essa metáfora do retorno. (SANTOS, 1998, p. 15).

O território, no presente trabalho, é o retorno ao local de socialização. O local onde as pessoas estão ligadas a cada um de seus pontos de referência social, de trocas, de circulação e existência. O desenho da cidade tem influência direta sobre a formação dos espaços - o habitado humano - a natureza de uso e a formação cultural: projeta-se sobre os objetos e ações da vida humana, animal e vegetal. O debate envolve essa multidisciplinariedade sobre o funcionamento dos lugares divergentes ou opostos.

De fato, o território é resultado de um controle político sobre cada configuração técnica e espacial. Milton Santos (1998) demonstra essa compreensão dos espaços territoriais da cidade e do campo, revelando que interferem diretamente no reconhecimento de direitos sobre os cidadãos. Sua interferência no plano econômico e cultural envolve as formas sociais e de justiça entre as pessoas. O conflito se estabelece no espaço local vivido por todos, enquanto definidos por códigos de uso para configuração de controle. O território da cidade carrega em si essa forma de mudança social. Cada parte da cidade se introduz em modelos diferentes de organização social. Por outro lado, a linguagem (comunicação) estabelece relações de aliança na construção do processo simbólico de comunidade.

Tais representações estão nas formas sociais que se criam e se transformam no desenvolvimento (ou seria envolvimento?) das sociedades em suas compreensões espaciais, ou seja, que inscrevem o homem em seu espaço social. “Não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 1977). O resultado de uso do espaço é a sua “interação entre os ritmos de vida do habitante e o espaço por ele frequentando determina, ao final de um intervalo de tempo em que se tenha repetido, a familiaridade que um indivíduo adquire com um lugar” (VELLOSO, 2016).

⁶ “Esse é o toque da etnografia, na medida em que ela trabalha não apenas aqueles arranjos específicos, forjados pelos atores numa prática que é coletiva - seja no terreno de trabalho, do lazer, da religiosidade e outros -, mas também está atenta e leva em conta suas representações, de forma a elaborar um modelo explicativo mais abrangente.” (MAGNANI, 2013)

A representação de cidade na sociedade existe involucrada em sua história e determina as formas que são contestadas os significados dos espaços e, por fim, produzem as determinações históricas dos indivíduos.

Esse espaço é o lugar da sociedade. O confronto histórico é determinado por sua formação econômica e social. Estas são interdependentes, por estar historicamente e espacialmente determinado nos movimentos de todo o conjunto de sua formação social. Essa formação é a estrutura da localização dos homens, as suas atividades e os objetos no espaço de suas necessidades “externas” (no que se refere ao modo de produção) e “internas” (a estrutura de procura). Para Milton Santos (1998) esse é o modo de produção expressado na luta e pela interação entre o novo, que domina, e o velho que se inscrevendo no tempo como história. Isto permite que as formações sociais registrem no espaço como senso de convicção das identidades culturais.

Não se trata de uma nova conceituação de pesquisa para a Geografia como Milton Santos propôs, mas o espaço como uma realidade relacional com que nos envolvemos em sociedade. Já que é nesse conjunto em que os objetos geográficos, naturais, sociais que movimentam a sociedade, nessas formas e conteúdos é que há a realização social. Para os geógrafos, é a conceituação de espaço geográfico que analisa o conceito de espaço tanto social como geográfico. Pois é a partir da diferenciação dos elementos que fazem as relações sociais e seu objeto que temos a compreensão da realidade.

Essa é a forma de estar no contexto urbano, os modos de vida suas identidades e diferenças culturais no amplo território da cidade. Importa investir na compreensão desses sentidos situacionais para “seguir a redefinição dos modos e dos espaços específicos de identificação num mundo ao mesmo tempo globalizado e perturbado” (AGIER, 2011, p.53).

Na busca por compreender estes sentidos, escolhemos a prática etnográfica para desvendar os espaços públicos e os grupos que utilizam esses espaços. Localizar manifestações culturais nos espaços públicos da cidade é uma tarefa que demanda análises cada vez mais complexas, pois as formas variadas de suas identidades grupais devem se analisadas como condição do outro na cultura urbana. Introduzir as ruas como componente na composição de identidade cultural e seus problemas constitui-se em potente reflexão acerca da transformação das políticas de controle social a partir da delimitação sócio-espacial vigente nos espaços públicos das cidades.

De fato, no contexto em que as relações sociais se desenvolvem nas cidades, temos os estudos sobre a descrição das configurações do espaço público que desafiam as formas de sociabilidade na cidade. Esse é o trabalho que Teresa Caldeira: “Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”. Os desafios que as culturas urbanas contemporâneas impõe, se revelam nas novas formas de contradições das relações sociais. Estas culturas revelam a cidade como o local de uma variedade de atividades públicas que se apropriam do espaço urbano e produzem de maneiras inusitadas culturas, como por exemplo as práticas de skate.

Portanto, após apresentarmos uma breve teorização dos espaços públicos é necessário analisar a inscrição dos skatistas na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Trata-se de uma possibilidade imaginativa de compreender seus deslocamentos entre cada ponto que a cidade produz para seus encontros, desafios, circulações.

4 DE VIAMÃO, AO IAPI PARA O HUMAITÁ

O centro da cidade de Viamão/RS é um pequeno corredor de 1,5km de extensão, uma avenida em mão única que é “entrada” a “saída” de uma rodovia estadual (RS118) e tem como fim a lateral da Igreja Nossa Senhora da Conceição, uma das mais antigas do Rio Grande do Sul construída em 1741. A extensão da avenida é bastante peculiar, pois ela durante muito tempo não teve a característica de caos que regem os centros urbanos. O centro da cidade de Viamão sempre foi uma região de circulação calma e tranquila. Com o crescente desenvolvimento urbano que acompanha o Brasil nessas últimas décadas, a cidade teve um grande aumento populacional e conseqüentemente a circulação de pessoas nessa região aumentou consideravelmente.

Como já disse também sou skatista. Assim percebi que entre os anos 1998 a 2008 era possível circular de skate nessa parte da cidade de forma tranquila e sem ser importunado. Ultimamente a circulação passou a ser um desafio para todos pedestres, ciclistas, skatistas, pois os espaços passam a ser disputados com os automóveis.

Sendo assim, os skatistas promoveram um ponto de encontro que está praticamente no meio do trajeto da referida avenida, em um excelente local de referência visual e geográfica: uma caixa da água da Companhia Estadual de Água (CORSAN). Uma estrutura branca com cerca de 20m de altura e com inscrições azuis e, em volta dessa estrutura, constitui-se uma praça com pequenos quiosques de vendas de produtos, o chamado camelódromo. Lembrando que essa praça conta com um excelente piso liso para a prática do skate.

Por sua proximidade com os principais bairros da cidade e interligado pelo ponto de ônibus, os skatistas se reúnem no fim do dia e aos finais de semanas. A maioria dos integrantes do grupo têm entre 14-25 anos. Eles circulam entre os carros e chegam nesse ponto. Durante os seus encontros usam os diversos estruturas da arquitetura e do urbanismo, a formação da rua e da calçada para pedestres, assim eles usam o meio-fio da calçada para manobras. Ao realizarem manobras nesse desnível provocam reações contrárias dos pedestres (podem ser atingidos pelo skate ou o skate interrompe por alguns segundos suas caminhadas), eles construíram um pequeno instrumento para colocarem como obstáculo, é uma barra de ferro com 1m de comprimento apoiada com tripés. Essa barra simula um corrimão de escada e ali eles realizam o *grind*⁷.

No decorrer dos encontros de observação fiquei fascinado com a interação com os trabalhadores ao redor dessa praça que não se preocupam com esses skatistas. Há um ponto de táxis ao lado. Essa interação representa o deslocamento na cidade. O ponto de encontro traz diversos atores interagindo entre eles. Ali conheci o skatista *Guimê* e pergunto se ele anda somente nesse *pico* em Viamão. Ele diz que não, que prefere ficar circulando entre um e outro *pico* e até mesmo em outras cidades. Assim partimos para uma pista pública na cidade de Porto Alegre, a IAPI.

A IAPI é a segunda pista pública construída pela administração municipal de Porto Alegre para a prática exclusiva de skate e está localizada entre a Zona Leste e Norte, uma região que hoje conta com um grande investimento imobiliário. É possível constatar em seu entorno o predomínio de edifícios residenciais. Ali também se encontra um dos mais antigos condomínios residencial do Continente⁸.

⁷ Grind: é o ato de deslizar o skate sob um corrimão.

⁸ <http://www.sul21.com.br/jornal/maior-e-mais-antigo-condominio-do-continente-iapi-guarda-parte-da-historia-de-poa/>

É nesse ponto de encontro que os skatistas chegam do trabalho, da aula, de suas casas, logo nas primeiras horas do dia. Já pela manhã, às 10 horas, ao chegar com outro skatista, nos encontramos em um ponto que eles se reúnem para trocar algumas informações sobre os *rolês* do dia anterior. Ocorre uma grande troca de relatos sobre manobras, dificuldades que encontraram para andar de skate, quedas, etc. Nessa observação encontrei vários skatistas que andam em Viamão.

Durante o dia inteiro chegam mais jovens que saem da escola, pois conforme contato a maioria sai da escola e passa o dia ali, outros andam até certa hora, depois vão almoçar e retornam às 16 horas. Os que ficam durante o almoço adquirem alguns lanches no comércio da região, compram suco de frutas e sentam-se nas escadarias.

A pista foi construída com diversas formas que simulam a arquitetura da cidade, tais como corrimões, escadarias, ladeiras, bancos, meio-fio. Buscando criar um ambiente para os skatistas, o qual reflete os espaços da cidade. Os skatistas moldaram essa praça pública para se aproximar com a fisionomia que o urbanismo desenvolveu na construção das cidades. Assim, há *pixos*, *graffitis* espalhados por suas paredes, obstáculos e muros.

O local pode ser considerada uma praça pública que não está destinada somente para a prática do skate, pois ao final da tarde chegam famílias com seus filhos para andar de skate e aproveitam o ambiente para encontrar amigos. Muitas meninas entre 15-23 anos aparecem para se encontrarem, bem como para namorarem. A prática de skate no universo feminino ainda é baixo, porque poucas mulheres estavam ali. Mas, na composição de imagem que ilustra o ambiente, já que ao encontrar diversos skatistas de Viamão percebe-se que o skate tem uma constante circulação no ambiente urbano. O skatista está sempre em contato com os diversos pontos das cidades.



Figura 01: foto da pista pública de skate IAPI.
Foto de Guilherme M. Böes.

Uma inscrição de *graffiti* chamou atenção por sua palavra: RUAS. Essa inscrição tem destaque pela força que transmite: o ambiente em que o skatista se coloca e seus significados. Como podemos notar na ilustração acima, o ambiente da pista é elaborado por diversos obstáculos que simulam um espaço urbano, ainda mais com os prédios que estão envolta da pista IAPI.

A grafia RUAS ganha destaque, pois a mesma aparece em diversos pontos da cidade. Por exemplo, em uma passagem pelo bairro Humaitá em POA/RS, um bairro, que faz divisa com a cidade de Canoas/RS, foi possível notar a mesma inscrição em um muro de uma casa que faz divisa com uma praça abandonada. O chão dessa praça era de concreto e apresentando alguns aparelhos de diversão infantil abandonados. Em outros pontos das cidades de Porto Alegre e Viamão essa inscrição “ruas” estava em forma de pixo, ou seja, sem as cores do *graffiti* dessa imagem a cima.

É possível perceber que os skatistas se deslocam entre vários pontos das cidades e até para cidades vizinhas, fazendo diversos usos dos espaços públicos que na maioria se encontram abandonados, seja pelo poder público ou pela própria população da região. A presença desses sinais possibilita perceber a prática do skate como inscrição e circulação pelos diversos pontos das cidades; sua interação com o espaço público é constante e diário.

Abaixo temos um exemplo visual de como ocorre o deslocamento dos skatistas na cidade, ou cidades. Com a ajuda do *googlemaps* é possível visualizar o trajeto (inscrição) que os skatistas fazem nos deslocamentos (circulação) pela cidade, entre um ponto ao outro. Imaginar, explorar as diferentes formas de se interagir por esses espaços e como os skatistas abordam em suas visões nestes espaços permite imaginar que muito além de deslocamento das margens para o centro, o deslocamento é o modo de se envolver com o espaço e as transformações que a arquitetura da cidade impõe sobre seus moradores.

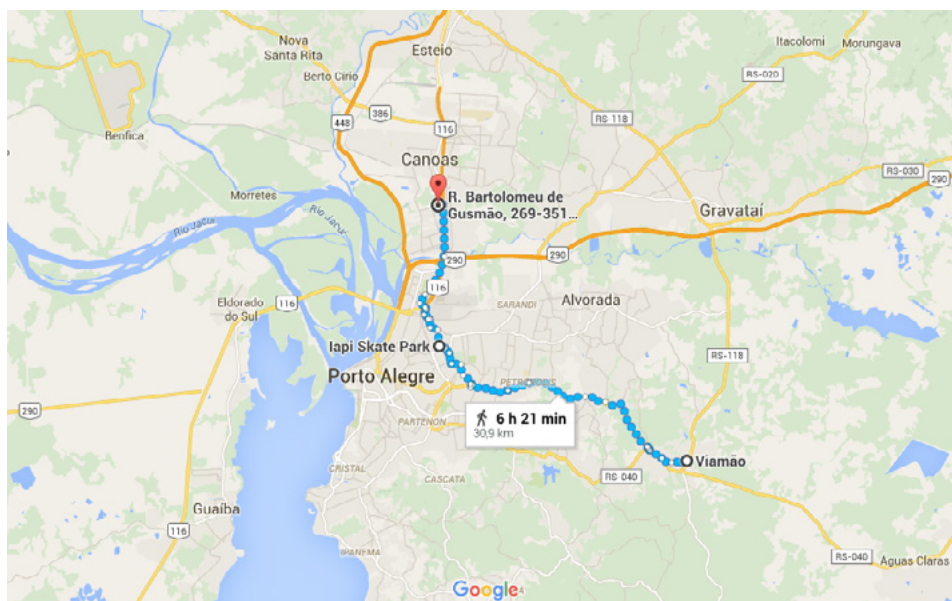


Figura 2: mapa da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Fonte: *google maps*.

5 ENTRE O SKATE, IMAGEM E EXPERIÊNCIA URBANA

A utilização do espaço urbano para a prática de skate permite a interação do *corpo humano* com o *espaço urbano*; esse tipo de cultura desenvolve, além de profissionais do skate, pessoas que fazem da prática do skate uma “fuga” da rotina. Constitui-se em uma prática que faz com que a organização social da cidade, se estabeleça diante dessas interações entre os indivíduos como construção do conhecimento compartilhado de usos e contra usos da cidade.

Conforme enfatiza Milton Santos o objeto de análise social não é o território em si, mas o seu uso. A partir da necessidade de evitar a alienação da existência individual e coletiva, o território apresenta-se como a fluidez da vida humana *real*, e que hoje comporta (transporta) as redes de regras e normas para o processo de reconstrução de estigmas. Esta análise não separa os espaços de forma dual e permite a análise sobre o desenvolvimento da Exópole⁹ :

Já não nos podemos satisfazer com uma simples divisão binária de cidade e subúrbio, centro e periferia, que implica uma clara polaridade na qual a primeira é “dominante” e a segunda “dependente”. Em vez disso devemos cada vez mais encarar a nova metrópole *regionalmente*, como um complexo mosaico geográfico, senão um caleidoscópio, de modelos de desenvolvimento desigual em rápida mutação (SOJA, 1998, p.158).

A experiência do espaço cultural no espaço urbano, a sociabilidade e a fragmentação de uma cidade instável e o seu território enquanto processo contemporâneo de sociabilidade implica na manifestação de subculturas, entre seus símbolos e suas figuras como processo de organização da metrópole. O skate como forma de apresentar subcultura, persiste na formação dos seus estilos, dos seus vandalismos como demarcação da “pista” na cidade. É como seu significado de escrever o grafite e outros estilos em que se criam e sustentam. O anonimato que os espaços urbanos formam, permite ao andar de skate um pertencimento a determinado espaço simbólico, e não um problema social emergente na alteração da ordem pública. (CORNEJO; et. al., 2012).

A prática do skate apresenta-se, nos espaços de deslocamento da cidade, o seu inevitável uso indiscriminado dos espaços urbanos, responsáveis tanto pela dinâmica cotidiana como o seu reconhecimento no interior da localização espacial. O que faz que a referência ao skate não seja apenas como lazer pela cidade, mas como modo de vida sem conotação política nas formas de sociabilidade. Não se trata de estabelecer conceitos para as condições com que se destinam *espaços, território*. Ou até mesmo a categorização de *nativo* ou *cidadino*. Apontam-se aqui as vastas formas de compreender a composição da cidade em seus “picos” para a sociabilidade, reconhecendo um mundo que cada vez mais inclui ao mesmo tempo que exclui pela indiferença.

As mudanças ocorridas pela Modernidade evidenciam o impacto sobre as formas com que o trabalho, lazer e as políticas de controle moldaram a vida cotidiana. Tais alterações que se refletem na concepção e na construção de cidades com estilos para os “pobres respeitáveis” e os “imprestáveis” da sociedade fiquem, ou vivam, lado a lado. Refletindo sobre essas implicações que a cidade acaba

⁹ “A reestruturação geográfica da cidade como um mosaico de aglomerações urbanas complexas, não há mais a figura de um suburbano no subúrbio. O processo de urbanização da periferia é a cidade que já não o é (cidade), não se faz a distinção de quem mora no subúrbio ou de quem mora no bairro” (SOJA, 1998).

por estabelecer na organização de sua experiência cotidiana, percebe-se a forma-mundo com que as relações são tomadas de forma simbólica sobre a essência de nossas ações. Um ritual sociologicamente distintivo com que temos a conexão espacial (de nossa colocação no mundo) e a física (de continuidade) na estrutura de nosso cotidiano.

É a partir desse arranjo dos espaços e sua padronização que provocam alterações na vida pública urbana, e acabam por refletir sobre espaços públicos as formas antissociais. Há, portanto, uma tendência de privatizar os espaços como requisito único, para domesticar as suas possibilidades de usos, a partir da determinação de condutas ou códigos de comportamentos. Esses códigos podem ser incorporados sobre o vestuário com que os indivíduos devem usar (vestir), bem como os produtos a serem consumidos.

Esse noção de que a cidade tem espaços “proibidos” (DAVIS, 2009, p. 239), e, por outro lado, a existência de uma cidade legal, transforma seus espaços em fontes de controle e estruturas legais para uso. Em uma cidade com megaestruturas, seus sistemas de circulação são constantemente povoados. As aglomerações fazem com que o espaço seja para determinado uso específico da cidade. Davis (2009) discorre sobre esse padrão de eliminar a circulação para fazer com que a mistura de multidão não seja possível, a não ser uma multidão selecionada e devidamente aplicada para seu correto uso.

6 CONCLUSÕES

Ao abordar esse trabalho começamos com breves exposições de como o pesquisador/autor se encontra no ambiente urbano. Isso postulou o seu conhecimento no meio de um aspecto espacial da cidade urbana e metropolitana. Passando por uma compreensão da escola de Chicago na delimitação da antropologia na/da cidade.

Percebe-se que a cidade tem uma ampla possibilidade de abordagem na sua imaginação e ritualização, pois existem vários estudos que abordam a grafia nos muros da cidade, a poesia de seus sons, ruídos; apresentando uma atuação que é *não* delimitada enquanto metodologia de pesquisa antropológica. As inscrições das imagens da cidade é a sua relação com espaço público nos modelos de produção das identidades urbanas aos espaços culturais que abordam a estética de uma cidade metropolitana.

A identificação dos espaços da cidade que estão inscritos nas diferentes percepções sobre o uso dos espaços público urbano, constituem configurações representativas de sua imagem. Assinal-se que a prática do skate tem essa condição de criar dos “espaços vazios”, do *não-lugar*, uma articulação significativa do ritual em vida pública.

Assim, a prática do skate com suas inscrições e circulações pela cidade permite observar os espaços das estruturas urbanas não como espaços que fragmentam padrões ou comportamentos, mas como podemos analisar pelas imagens dos skatistas em pontos das cidades, apontam para identidades culturais nos mesmos espaços públicos em uma dinâmica cultural e de sociabilidade no

diálogo estabelecido entre a etnografia e a experiência urbana contemporânea. Apontando ainda que o processo de metropolização aproxima-se dos mecanismos institucionais de controle social, estes que não se mostraram efetivos em sua função de eliminar as culturas de resistências nos espaços públicos urbanos, porém mostram-se como efeito contrário: revigorando as identidades culturais.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BASTOS, B. G. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”**. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Ciências do movimento humano). 2006.
- CALDEIRA, T. P. R. Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Revista Novos Estudos**, n. 94, p. 31-67, nov. 2012.
- CORNEJO, M.; CERDA, G.; VILLALOBOS, A. El skate uma practica deportiva de transversalidad sociocultural en los jóvenes chilenos: los jóvenes de Concepción – Talcahuano Chile. In: BRANDÃO, L.; (Org.) et. al. **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012. p. 227-241.
- DAVIS, M. **Cidade de quartzo: escavando o futuro de Los Angeles**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- FILARDO, P. Pichação (pixo). Histórico (tags), práticas e a paisagem urbana. **Revista Arquitextos**, São Paulo, v. 16, n. 187.00, Vitruvius, dez. 2015.
- HANNERZ, U. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.15, n.1, abr. 2003
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-28, fev. 2002.
- MAGNANI, J. G. C. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: **Sociedade Global: Cultura e Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PEREIRA, A. B. **De “rolê” pela cidade: os “pixadores” em São Paulo**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). 2005.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15-20.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1977.
- SOJA, E. S. O desenvolvimento pós-moderno nos EUA: virando Los Angeles pelo avesso. In SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 154-168.
- VELLOSO, R. Apropriação, ou o urbano-experiência. **Revista Arquitextos**, São Paulo, v. 16, n. 189.05, fev. 2016.